
A AFETIVIDADE COMO CERNE DOS PROCESSOS DE INTERAÇÃO E DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Luana Gabriela Julianzeti Canuto¹
Virgínia Maria Pereira de Melo²

RESUMO: A monografia foi desenvolvida segundo os princípios de pesquisa qualitativa, que possui características de análise de uma perspectiva integrada, em específico aprofundar no estudo de caso, com um propósito fundamental de analisar intensamente uma dada unidade social. Apontando como a afetividade influencia o processo de ensino -aprendizagem na educação infantil. Buscando atender os objetivos de conceituar e destacar a afetividade e qual a sua relevância no processo de desenvolvimento infantil, caracterizar a afetividade no processo de desenvolvimento humano, segundo a teoria walloniana e analisar quais são as consequências de um aprendizado em um ambiente escolar deficiente de afetividade. Foi realizado três questionários para professoras atuantes na educação infantil, nas redes de ensino públicas e particulares da educação infantil em Anápolis, a fim de contribuir para a monografia, todos a respeito da afetividade. Dois dos questionários foram desenvolvidos antes da COVID-19 e um questionário foi desenvolvido no período pandêmico/pós-pandêmico em relação ao retorno das aulas e como os professores trabalharam nas aulas remotas durante a pandemia e quais dificuldades enfrentaram no retorno às aulas. A partir das respostas obtidas pelas professoras, podemos observar que em unanimidade concordam haver contribuições afetivas para o processo de ensino-aprendizagem, porém houve divergências em relação às respostas, gerando preocupação de como as professoras trabalham a afetividade em sala de aula. Identificamos que as aulas remotas trouxeram grande sobrecarga para os professores, aulas, pais e responsáveis e que o retorno às aulas está sendo um grande desafio para todos, pois houve um atraso educacional e afetivo na vida desses alunos.

Palavras-chave: Afetividade. Processo ensino-aprendizagem. Pandemia. Retorno às aulas.

ABSTRACT: The monograph was developed according to the principles of qualitative research, which has characteristics of analysis from an integrated perspective, in particular, deepening the case study, with a fundamental purpose of intensively analyzing a given social unit. Pointing out how affectivity influences the teaching-learning process in early childhood education. Seeking to meet the objectives of conceptualizing and highlighting affectivity and its relevance in the process of child development, characterizing affectivity in the process of human development, according to Wallonian theory and analyzing what are the consequences of learning in a school environment deficient in affectivity. Three questionnaires were carried out for teachers working in early childhood education, in public and private early childhood education networks in Anápolis, in order to contribute to the monograph, all about affectivity. Two of the questionnaires were developed before COVID-19 and one questionnaire was developed in the pandemic/post-pandemic period regarding the return to school and how teachers worked in remote classes during the pandemic and what difficulties they faced in returning to school. From the answers obtained by the teachers, we can observe that they unanimously agree that there are affective contributions to the teaching-learning process, but there were divergences in relation to the answers, generating concern about how the teachers work affectivity in the classroom. We identified that remote classes brought great overload to teachers, aulas, parents and guardians and that the return to school is being a great challenge for everyone, as there was an educational and affective delay in the lives of these students.

Keywords: Affectivity. Teaching-learning process. Pandemic. Return to classes.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da UEG. (luanaj2510@gmail.com).

² (Orientadora) Graduada em Psicologia pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB-1977) e mestre em Ciências da Educação Superior - Universidad de La Habana / Universidade Católica de Goiás (2003). (virginia.melo@ueg.br).

INTRODUÇÃO

O interesse inicial pelo tema veio da constatação da importância da afetividade no desenvolvimento infantil, tanto socialmente como educacionalmente, a partir da prática docente que pude vivenciar durante meu trabalho em um, CEI de Anápolis. Nesse sentido, o intuito desta monografia é, portanto, aprofundar os estudos nessa área, tendo como indicativo as interações afetivas no ambiente escolar, isto é, como as relações afetivas se estabelecem na escola, na educação infantil, e qual sua contribuição no desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizado.

A afetividade está presente em todo o trajeto escolar e social da criança, sendo a escola o primeiro vínculo extra-familiar desde o seu nascimento, em que ela irá desenvolver sentimentos, emoções, sentir insegurança ou segurança, que serão constituintes de sua existência enquanto aluno e pessoa. A afetividade vai além do contato físico, pois envolve as emoções e os sentimentos como raiva, amor, empatia etc., O reconhecimento das emoções e sentimentos e a aprendizagem de como lidar com essas sensações são elementos importantes para que as crianças se desenvolvam emocionalmente capazes e para que futuramente se entendam primeiramente, para depois atuar com consciência dos seus atos na sociedade.

O pressuposto da pesquisa seria, portanto evidenciar, no decorrer do trabalho, como a criança se desenvolve positivamente em um ambiente em que ela se sinta confortável e segura, destacando também, as consequências negativas que ela leva durante seu trajeto escolar, caso sinta que está em um ambiente inseguro e/ou pouco afetivo, inclusive partindo de dados já coletados pela autora em uma atividade desenvolvida na disciplina de Didática, Métodos Científicos e Método de Produção do Trabalho Acadêmico em Educação.

Essa intencionalidade foi reforçada e ampliada em suas perspectivas com a pandemia da COVID-19. Sabendo que na Educação Infantil trabalha-se muito o repartir, o dividir e o compartilhar, aspectos importantes da afetividade, da mesma forma que o contato físico, a interação presencial entre professor e aluno e aluno com colegas, tornou-se essencial entender como manter essa centralidade nesse contexto tão complexo que agora se apresenta para a escola, mais especialmente para essa etapa da educação básica.

A escola, nas sociedades modernas, é um espaço necessário para se estabelecerem relações interpessoais positivas, a partir das interações sociais que possibilita, pensando nas novas configurações familiares e de trabalho. Estudiosos como Henri Wallon (1968). e Jean Piaget (1993). apontam para a relação entre o ato da inteligência e a afetividade, considerando

que o afeto traz o interesse, a motivação, o questionamento, que propiciam as condições para o desenvolvimento mental.

Rúbio e Santos (2012). dizem que:

Constatou-se que o conhecimento e as estruturas cognitivas estabelecem sentido entre si. Outro aspecto da relação entre as dimensões afetivas e intelectuais é o fato de o desenvolvimento de uma depender da outra. Se a inteligência se desenvolve é porque a criança e também o adulto, tem necessidade, isto é, interesse em conhecer certos objetos e assim refletir sobre eles (RUBIO; SANTOS, 2012, p. 15).

No momento em que a escola está sendo repensada para atender de forma mais adequada os problemas postos pela pandemia da COVID-19, para além dos já existentes, pensar em como trabalhar a afetividade, considerada o cerne da educação infantil, se torna essencial. O distanciamento social, as normas de biossegurança, imprescindíveis para o controle da doença, não são compatíveis com as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas de educação infantil. É preciso um entendimento sólido, em bases científicas, para dar suporte às novas propostas curriculares e metodológicas para essa etapa da educação básica.

Com esses pressupostos, a pesquisa traz a seguinte questão problema “Qual a influência da afetividade nos processos de interação e de aprendizagem da criança na educação infantil?”

Essa questão direciona para o desdobramento de outras: (a). o que é afetividade? (b). qual a sua relevância no processo de desenvolvimento infantil? (c). quais as análises e as propostas teóricas do desenvolvimento e da aprendizagem acerca desse processo? (d). qual a influência da afetividade na aprendizagem da criança e os benefícios para as relações interpessoais?

Diante de todo esse contexto, o objetivo geral é: Analisar a influência da afetividade nos processos de interação e de aprendizagem da criança na educação infantil para subsidiar uma prática pedagógica de melhor qualidade no contexto pandêmico e pós-pandêmico.

Emergindo para alguns questionamentos constituintes dos objetivos específicos são: Conceituar afetividade e destacar qual a sua relevância no processo de desenvolvimento infantil. Caracterizar a afetividade no processo de desenvolvimento humano, segundo a teoria walloniana. Identificar quais as teorias acerca do desenvolvimento, da aprendizagem e da interação acerca desse processo. Analisar quais são as consequências de um aprendizado em um ambiente escolar deficiente de afetividade. Apontar alternativas / propostas / experiências exitosas para o trabalho na educação infantil com foco na afetividade no contexto da pandemia da covid-19.

Nessa perspectiva a monografia foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa, em que teoricamente buscamos a compreensão sobre determinada realidade, no caso sobre a Afetividade, por meio de uma pesquisa exploratória e descritiva.

Uma parte dos dados a serem utilizados foi coletada em um trabalho anterior da autora, com professoras que atuavam na época em CMEI e CEI em Anápolis, porém durante o desenvolvimento da monografia (TCC 2). foi desenvolvido um aprofundamento das questões em CMEI, CEI e rede particular de ensino.

Lüdke e André (1986). dão as características básicas de uma pesquisa qualitativa:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...]
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos. [...]
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
4. O 'significado' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. [...]
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima (p. 11-3).

Em sua parte de fundamentação básica, o tema tem um referencial teórico já consistente. Porém, no que concerne às novas situações que se apresentam devido à pandemia da COVID-19, ainda há pouco material para ser pesquisado. O fato das escolas de educação infantil públicas terem ficado fechadas praticamente desde o início da pandemia, e as dificuldades de acesso às tecnologias por muitas famílias também não permitiram que muitas experiências fossem feitas.

O trabalho foi dividido em alguns tópicos, na seguinte ordem: 1º capítulo: fundamentação teórica, conceituação da afetividade e importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem, 2º capítulo: desenvolvimento da pesquisa (resultados e discussões), 3º capítulo: pesquisa de campo e 4º capítulo considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A afetividade pode ser definida como um conjunto de fenômenos psíquicos manifestados sob forma de emoções, os sentimentos e acompanhados da impressão de prazer ou dor, alegria ou tristeza. A afetividade é muito importante para nós, pois nos torna seres conscientes de nossa realidade mais profunda e valiosa (Souza; Soares, 2019).

Pensando na qualidade da educação infantil, a questão da afetividade passa a fazer parte da rotina e cotidiano educacional. Estudos realizados deixam claro que a afetividade está

ligada intimamente ao aprendizado infantil, sendo que as emoções e os sentimentos foram muito estudados por Jean Piaget (1993), Henri Wallon (1968). e Lev Vygostky (1991).

A autora Rossini (2012, p. 15). aponta a proposta da pedagogia afetiva como: “As crianças devem ter oportunidade de desenvolver sua afetividade. É preciso dar-lhes condições para que seu emocional floresça, se expanda, ganhe espaço”. A autora define três alicerces: limites, mitos do cotidiano e ritmos. Em que se diz respeito a limites, a autora defende que é necessário dizer “não”, que educar com afetividade não é aceitar todas as situações. Em mitos do cotidiano ela afirma que mitos são tradições e para que a afetividade aflore é necessário resgatar esses mitos. E no último alicerce diz que é de suma importância respeitar o ritmo de cada aluno.

O objetivo da pedagogia afetiva dialoga muito bem com uma das metas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Ao longo da Educação Básica – na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio –, os alunos devem desenvolver [...] competências gerais da Educação Básica, que pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 8-9).

Conforme os estudos de Wallon, citado por Amaral (2000, p. 51): “A relação afetiva que estabelece a cada momento com cada acontecimento de seu universo predomina sobre o pensado e determina positiva ou negativamente as características que atribui aos objetos, pessoas ou situações com que lida. Embora saiba que as coisas, pessoas e acontecimentos têm uma individualidade estável, a compreensão que tem deles está diretamente relacionada a suas experiências emocionais”.

As emoções possuem duas características: emoção como subjetividade e como comportamento expressivo. Diante disso, é possível que diferenciamos emoções de processos afetivos: emoção é um estado afetivo, sendo bom ou mau, que depende de um objeto e possui duração, já os processos afetivos são todos aqueles estados que fazem apelo a sensações de prazer ou desprazer.

Vygotsky foi considerado cognitivista, na mesma perspectiva de Jean Piaget, o qual questionava o dualismo entre as dimensões afetivas e cognitivas, ou seja, na sua abordagem construtivista é importante que aconteça a construção das relações, os aspectos afetivos, emocionais e a dinâmica das manifestações emocionais.

Segundo Díaz (2011, p. 35). a teoria cognitivista deu origem nos Estados Unidos da América em meados de 1950 e 1960, em que se baseia na crítica ao Comportamentalismo, que postulava, em linhas gerais, a aprendizagem como resultado do condicionamento de indivíduos

quando expostos a uma situação de estímulo e resposta. O termo cognição pode ser definido como o conjunto de habilidades mentais necessárias para a construção de conhecimento sobre o mundo. Os processos cognitivos envolvem, portanto, habilidades relacionadas ao desenvolvimento do pensamento, raciocínio, linguagem, memória, abstração etc.; têm início ainda na infância e estão diretamente relacionados à aprendizagem.

Viu nos métodos e princípios do materialismo dialético a solução dos paradoxos científicos fundamentais com que se defrontavam seus contemporâneos. Um ponto central desse método é que todos os fenômenos sejam estudados como processos em movimento e em mudança. Em termos do objeto da psicologia, a tarefa do cientista seria a de reconstruir a origem e o curso do desenvolvimento do comportamento e da consciência (VYGOTSKY, 1991, p. 10).

Essas dimensões da cognição e afeto estão intimamente ligadas desde cedo e dialeticamente relacionados. Lev Vygotsky aponta esses processos.

IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Pensando na qualidade da educação infantil, a questão da afetividade passa a fazer parte da rotina e cotidiano educacional. Estudos realizados deixam claro que a afetividade está ligada intimamente ao aprendizado infantil, sendo que as emoções e os sentimentos foram muito estudados por Jean Piaget (1993), Henri Wallon (1968). e Lev Vygotsky (1991).

Sobre a Educação Infantil, especificamente, segundo o Capítulo II – seção II, Art.29, da LDB se expressa assim: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, p. 17).

A Pedagogia Afetiva busca o desenvolvimento cognitivo por meio das interações afetivas, tornando a aprendizagem mais agradável e significativa. O objetivo da pedagogia afetiva dialoga muito bem com uma das metas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

“Ao longo da Educação Básica – na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio –, os alunos devem desenvolver [...] competências gerais da Educação Básica, que pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 8 e 9).

É interessante que o educador busque entender a importância das interações sociais e afetivas, que são estabelecidas no ambiente escolar, em que o processo de aprendizado irá se

desenvolver. Convém ao educador orientar o aluno no seu aprendizado, de modo que torne um cidadão ativo e independente em seu meio, e que consiga se manter em construção e com sucesso na aprendizagem.

Em um ambiente afetivo e seguro, os alunos se mostrem calmos, construindo uma autoimagem positiva. O professor entra com uma mediação responsável por criar vínculos relevantes de afeto.

O ato de ensinar e de aprender envolve e exige certa cumplicidade do professor e aluno, tal cumplicidade se constrói nas intervenções, por meio do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado. Convém ao professor planejar e executar suas aulas para que seus alunos criem vínculos positivos entre si e com os conteúdos.

Para Brait, Macedo, Silva e Souza definem essa relação como:

O processo de ensino/aprendizagem ao que tange a figura do professor e a sua relação com os alunos, não deve ter como cerne, somente o conhecimento resultante através da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania do aluno. Apesar de tal, para que isto ocorra, é necessária a conscientização do professor de que facilitar a aprendizagem de seus alunos lhe possibilita estar aberto às novas experiências, compreender o mundo em que estão inseridos e também numa relação empática aos sentimentos e aos problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto-realização (BRAIT; MACEDO; SILVA; SILVA; SOUZA, 2010, p. 4).

Freire (1996, p. 23). cita que um simples gesto do professor pode ser muito mais expressivo na vida de um aluno do que se possa imaginar. Pequenos gestos como sorrir, escutar, refletir, respeitar são, entre tantos outros, necessidades que levam o sujeito a investir na afetividade, fundamental para a adaptação, a segurança, o conhecimento e o desenvolvimento da criança.

Jean Piaget e Lev Vygostky atribuíram a importância da afetividade no processo evolutivo, porém Henri Wallon foi o primeiro a aprofundar a afetividade no desenvolvimento cognitivo da criança, estudando ela por um todo. Ele afirma que: “A emoção é um facto fisiológico nas suas componentes humorais e motoras; e um comportamento social nas suas funções arcaicas de adaptação. A emoção é uma linguagem antes da linguagem” (WALLON, 1968, p. 14).

Jean Piaget, utiliza em seus trabalhos termos caracterizando o desenvolvimento das fases da inteligência da criança, um de seus termos é o estágio da inteligência sensório-motora, em que aponta que a evolução cognitiva depende do período sensório-motor, sendo fundamental para o desenvolvimento cognitivo. Os esquemas sensório-motores são as primeiras formas de pensamento e expressão, a partir da construção dessas bases entende-se que as

crianças se desenvolvam para a organização de experiência do mundo: objeto, espaço, causalidade e tempo.

O segundo período é o pré-oratório ou simbólico, que realiza a transição da inteligência sensório-motora para a inteligência representativa. Em que ao atingir o pensamento representativo a criança precisa reconstruir o objeto, tempo e espaço. O pré-oratório é denominado por Piaget como a representação simbólica, assumindo aquisições como: linguagem, imitação, imagem mental, desenho e jogo simbólico. A mediação pedagógica pode ocorrer com o “faz-de-conta” e “como se”, auxiliando para a transição para o pensamento representativo.

Piaget define os seguintes estágios da transição da inteligência, contudo para que tais estágios se concretizem dentro do ambiente escolar ocorram os estímulos para o desenvolvimento infantil.

Cada estágio é caracterizado pela aparição de estruturas originais, cuja construção o distingue dos estágios anteriores. O essencial dessas construções sucessivas permanece no decorrer dos estágios ulteriores, como subestruturas, sobre as quais se edificam as novas características. Segue-se que, no adulto, cada um dos estágios passados corresponde a um nível mais ou menos elementar ou elevado da hierarquia das condutas. Mas a cada estágio correspondem também características momentâneas e secundárias, que são modificadas pelo desenvolvimento ulterior, em função da necessidade de melhor organização. Cada estágio constitui então, pelas estruturas que o definem, uma forma particular de equilíbrio, efetuando-se a evolução mental no sentido de uma equilibração sempre mais complexa (PIAGET, 1993, p. 15).

Os conceitos e estudos de Henri Wallon auxiliam na compreensão do processo de constituição da pessoa, desde o seu nascimento até a sua fase adulta. A afetividade está interligada a interocepção que é os estímulos são recebidos pelos receptores externos do indivíduo, ou seja, os órgãos dos sentidos, a propriocepção que diz respeito à percepção dos estímulos ao nível de músculos, ligamentos e tendões e com a exterocepção que seria a resposta aos estímulos em níveis viscerais, manifestadas sensações de dor ou prazer pelo organismo, provoca emoções específicas como: medo, alegria, raiva, posteriormente ciúmes e tristeza.

De acordo com os estudos de Wallon, citado por Amaral (2000, p. 51). “a relação afetiva que estabelece a cada momento com cada acontecimento de seu universo predomina sobre o pensado e determina positiva ou negativamente as características que atribui aos objetos, pessoas ou situações com que lida. Embora saiba que as coisas, pessoas e acontecimentos têm uma individualidade estável, a compreensão que tem deles está diretamente relacionada a suas experiências emocionais”.

As emoções possuem duas características: emoção como subjetividade e como comportamento expressivo. Diante disso, é possível que diferenciamos emoções de processos

afetivos: emoção é um estado afetivo o bem-estar ou mal-estar, que depende de um objeto e possui duração, já os processos afetivos são todos aqueles estados que fazem apelo a sensações de prazer ou desprazer.

Vygotsky foi considerado cognitivista, na mesma perspectiva de Jean Piaget, o qual questionava o dualismo entre as dimensões afetivas e cognitivas, ou seja, na sua abordagem construtivista é importante que aconteça a construção das relações, os aspectos afetivos, emocionais e a dinâmica das manifestações emocionais.

Segundo Díaz (2011, p. 35). a teoria cognitivista deu origem nos Estados Unidos da América em meados de 1950 e 1960, em que se baseia na crítica ao Comportamentalismo, que postulava, em linhas gerais, a aprendizagem como resultado do condicionamento de indivíduos quando expostos a uma situação de estímulo e resposta. O termo cognição pode ser definido como o conjunto de habilidades mentais necessárias para a construção de conhecimento sobre o mundo. Os processos cognitivos envolvem, portanto, habilidades relacionadas ao desenvolvimento do pensamento, raciocínio, linguagem, memória, abstração etc.; têm início ainda na infância e estão diretamente relacionados à aprendizagem.

As dimensões da cognição e afeto estão intimamente ligadas desde cedo e dialeticamente relacionados, aponta Lev Vygotsky:

Viu nos métodos e princípios do materialismo dialético a solução dos paradoxos científicos fundamentais com que se defrontavam seus contemporâneos. Um ponto central desse método é que todos os fenômenos sejam estudados como processos em movimento e em mudança. Em termos do objeto da psicologia, a tarefa do cientista seria a de reconstruir a origem e o curso do desenvolvimento do comportamento e da consciência (VYGOTSKY, 1991, p. 10).

O aprendizado sobre emoções e afetos se iniciam nas primeiras horas de vida de uma criança e se prolonga por toda sua existência. Vygotsky é enfático ao afirmar que uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva:

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra desnecessária e impotente (VYGOTSKY, 1991, p. 25).

As relações interpessoais são elementos fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. Nas relações interpessoais é desenvolvido um elo vital para que o processo de aprendizagem ocorra, envolve intenções e interesses, cabe ao professor fazer com que compreendam o mundo em que estão inseridos e as relações que vão enfrentar.

Porém, o professor deve definir limites em relação à afetividade, para que a afetividade seja dosada, não comprometendo o aprendizado da criança. Criando uma relação professor-aluno, em que durante o aprendizado do aluno, deve existir a bi-direcionalidade, desenvolvendo o aprendizado mútuo, respeitando o conhecimento adquirido e moldando para o conteúdo desejado, de forma atinja o objetivo principal: que a criança desenvolva o pensamento autônomo. A autora Rossini (2012). apresenta em seu livro a necessidade de limites na afetividade:

Devemos mostrar limites não é castigo. É ensinar que as pessoas não podem nem são capazes de fazer tudo que querem. É estabelecendo algumas regras de convivência em grupo que a criança vai aprender a distinguir entre o que ela pensa e o que o colega pensa. O que ela quer e o que o outro quer. O que ela pode ou o que não pode fazer” (ROSSINI. PETRÓPOLIS. 2012, p. 23).

Nesse aspecto, Mahoney e Almeida (2005, p. 26). dizem que: “quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo ensino-aprendizagem e, portanto, para o desenvolvimento, tanto do aluno como do professor”.

Os vínculos entre professor e crianças devem ser feitos respeitando a individualidade, adaptando-se as metodologias às necessidades das crianças, essa flexibilidade das metodologias demonstram afeto e respeito as experiências aprendidas das crianças.

A BNCC possui um campo de experiências correspondente à competência emocional da criança:

O eu, o outro e o nós – É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos (BNCC, 2018, p. 38).

O autor Almeida aponta a importância da afetividade em um ambiente escolar, como o professor deve desenvolver a sua metodologia em sala de aula, administrando as emoções do cotidiano, porém sendo trabalhado de uma maneira inconsciente:

A sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência. Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados tipos de emoção. E, como é impossível viver num mundo sem emoções, ao professor cabe administrá-las, coordená-las [...]. O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitador do conhecimento. É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis (ALMEIDA, 2004, p. 103).

Em casos de falta de afeto, além de prejudicar o aprendizado da criança, desenvolve certo tipo de bloqueio no seu desenvolvimento. Quando a afetividade é desprezada na aprendizagem da criança, compromete o aprendizado dos alunos, contribuindo para a imagem negativa e podendo acometer o fracasso escolar, em casos mais graves, fobia escolar, isolamento, dependência, passividade e submissão. A autora Rossini (2012, p. 15). apresenta argumentos da falta de afetividade: “A falta de afetividade leva à rejeição aos livros, à carência de motivação para a aprendizagem, à ausência de vontade de crescer. Portanto, uma das máximas é: Aprender deve estar ligado ao ato de afetivo, deve ser gostoso, prazeroso”.

Volpato (2018). cita em seu trabalho as consequências da falta de afeto no processo de ensino-aprendizagem:

Atualmente, na educação infantil, observa-se que quando a afetividade é desprezada na aprendizagem da criança, acaba comprometendo a aprendizagem do mesmo, contribuindo para uma imagem negativa, e consequentemente ao fracasso escolar, sendo cada vez mais comum encontrar no contexto escolar um desafeto que prenuncia medo no educando (VOLPATO, 2018, p. 13).

O professor deve utilizar a afetividade como um instrumento de aprendizado, para favorecer um ambiente seguro e propício ao aprendizado, a fim de que as crianças se sintam seguras e confiantes para enfrentar as relações que o mundo propõe.

Os aspectos emocionais e afetivos que os educadores devem ter para com os educandos necessitam de aprimoramentos, de uma revisão e/ou reinvenção de decisões, desde que estas se adequem ao cenário vivido. O professor necessita, cada vez mais, buscar e aprimorar formas de atender as necessidades de seus alunos, uma vez que cada um carrega consigo características próprias, realidades diferentes e, como consequência, reações próprias (ROCHA, 2016, p. 6).

Nota-se que Rocha (2016) apresenta pontos importantes para que o professor trabalhe a afetividade em sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa é de caráter exploratório e descritivo. De acordo com Gil (2008), os objetivos da pesquisa exploratória são:

Esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a). levantamento bibliográfico; (b). entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c). análise de exemplos que estimulem a compreensão” (GIL, 2008, p. 41).

Triviños (1987, p. 110). afirma que “o estudo descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade”.

Nessa perspectiva, a investigação foi desenvolvida inicialmente por meio da pesquisa bibliográfica, em livros e artigos, de autores que trazem contribuições para o tema escolhido. Essa pesquisa busca a resolução de um determinado problema/hipótese em referenciais teóricos já publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Também serão buscados materiais teóricos de aprofundamento das informações no Google acadêmico e Web of Science.

Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

A pesquisa empírica realizada para efetivar o Estudo de Caso Explicativo, com a finalidade de identificar qual a influência da afetividade nos processos de interação e de aprendizagem da criança na educação infantil em CMEI's, CEIs e escolas particulares de Anápolis^[U1], teve como instrumento um questionário.

Yin (2005, p. 31). define “o estudo de caso como estratégia de pesquisa que possui na sua essência esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões, assim como o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implantadas e com quais resultados obtidos dentro de uma situação específica”. Assim, o presente estudo tem um caráter descritivo exploratório que traça uma sequência de eventos ao longo de um determinado período, descrevendo uma subcultura, ou melhor, um determinado fenômeno dentro de uma realidade singular.

O primeiro questionário (Anexo A). foi enviado através de e-mail e aplicativo de mensagem, em que enviamos para 5 professoras, em que 2 responderam, são professoras atuantes na educação infantil, entre 48 anos a 55 anos, atuantes há 20 anos na rede de pública de ensino, no qual uma possui formação em pedagogia e a outra Pós-graduação em Educação Infantil, Métodos e Técnicas de estudos e Gestão escolar.

No segundo questionário (Anexo B). foi enviado para 4 professoras em que 3 devolveram as respostas, todas professoras atuantes na educação infantil, com idade entre 23 a 30 anos, atuantes entre 2 há 10 anos na rede pública de ensino, no qual três possuem graduação em pedagogia e uma com pós-graduação em Educação Infantil, Métodos e Técnicas de estudos e Gestão escolar.

O terceiro questionário (Anexo C). foi enviado para as 4 professoras atuantes na rede pública de ensino, adicionando mais 1 professora na rede particular de ensino, para complementar a pesquisa, com a finalidade da coleta de dados, no qual o público-alvo foi de professoras que atuam na educação infantil.

Todas as 5 professoras, no qual o questionário (Anexo C). foi entregue, são formadas em Pedagogia, estão na faixa etária que varia de 23 anos a 51 anos. Sendo 3 formadas em Pedagogia, no qual uma com Pós-graduação em Educação Infantil, Métodos e técnicas de

estudos e Gestão escolar e 1 com Pós-graduação em Educação especial/Educação inclusiva/Múltiplas deficiências. Atuantes na área entre 2 anos há 20 anos.

Todos os questionários foram passados por e-mail ou aplicativo de mensagem. Vale ressaltar que a transcrição foi realizada da maneira em que foi respondida, sem nenhuma interferência ortográfica. Tudo após a leitura e análise dos textos-base para pesquisa que já foram citados.

O objetivo da pesquisa foi repassado para as professoras, deixando aberta a possibilidade de responder ou não as perguntas, mantido em sigilo sua identidade e respostas.

Todos os dados obtidos serão analisados cuidadosamente, e interpretados a partir da teoria sobre a afetividade desenvolvida por Henri Wallon (1968). e pesquisadores colaboradores, com contribuições de Lev Vygotsky (1991), Jean Piaget (1993). acerca dessa temática.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário foi aplicado com o intuito de aprofundar os conhecimentos sobre esse tema, e poder identificar e analisar a concepção das professoras em relação à afetividade e aos vínculos em que são formados com as crianças.

As respostas foram transcritas da mesma maneira que foram entregues, sem interferência na transcrição, elas foram analisadas com base nos estudos bibliográficos, sendo as professoras identificadas por meio de números para preservar a imagem das mesmas.

Quadro 1: Perguntas e respostas do Questionário I (Anexo A). apresentado aos professores do CMEI e CEI de Anápolis.

Quadro 2: Perguntas e respostas do Questionário II (Anexo B). apresentado aos professores do CMEI e CEI de Anápolis.

Quadro3: Perguntas e respostas do Questionário III (Anexo C). apresentado aos professores do CMEI, CEI e rede particular de Anápolis.

QUADRO 1	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
Você considera apegado afetivamente a algum aluno?	P1: Sim, porém tento ser afetiva com todos no geral sem exceção de nenhum aluno. P2: Sim.
Você acha que a afetividade interfere na prática pedagógica?	P1: Acredito que não, pois através da afetividade considero ser até mais fácil ensinar, como por exemplo usar o dia a dia dos alunos como método e isso os tornaria mais participativos no ensino-aprendizagem. P2: NÃO, A AFETIVIDADE É ESSENCIAL EM SALA DE AULA COM ALUNOS.

Como você relaciona a afetividade em sala de aula?	P1: Relaciono a afetividade de modo a conhecer os alunos, história de vida de cada um, dificuldades de aprendizagem, dentre outros. Acredito que através disso consigo estar mais próximo de cada um transmitindo afeto. P2: COMO ESSENCIAL.
Você considera que haja contribuições positivas ou negativa em relação a afetividade na sala de aula?	P1: Com certeza seria bom, pois passaria mais confiança tanto para os alunos quanto para os professores de maneira geral. P2: BOM
Cite algumas contribuições afetivas na sua visão que tragam benefícios para o aprendizado das crianças	P1: Através da afetividade os alunos teriam mais interesse em aprender, confiaria em relatar algo que passasse dentro de casa, ajudaria na aprendizagem de modo que teria mais afinidade em falar para o professor sobre suas dificuldades, dentre outros. P2: A CRIANÇA SE SENTE MAIS SEGURA , DESPERTA CURIOSIDADES, APRENDE DE FORMA MAIS PRAZEROSA.

QUADRO 2	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
Você considera apegado afetivamente a algum aluno? Acha necessário a afetividade?	P1: Sim. P2: Sim. P3: Sim, porém tento ser afetiva com todos no geral sem exceção de nenhum aluno.
Você acha que a afetividade interfere no ambiente escolar?	P1: Não. P2: Não. P3: Não, creio que auxilia no processo de ensino-aprendizagem.
Como você relaciona a afetividade em sala de aula?	P1: Com carinho, palavras de conforto. P2: Escutando o que os alunos têm a dizer, respeitando o tempo deles. P3: Acho que a afetividade está relacionada ao respeito e quando a pessoa te respeita, ela vai se dedicar mais a entender o que você ensina a ela.
Em sua opinião a afetividade no ambiente escolar traz aspectos positivos para a aprendizagem ou não?	P1: Positivos. P2: Positivos. P3: Positivos, sempre.
Você considera que haja contribuições positivas ou negativas em relação a afetividade com os alunos?	P1: Depende de como a afetividade seja trabalhada. A afetividade trabalhada de maneira correta vai encorajar os alunos a entender o conteúdo. Enquanto se for trabalhada da maneira errada pode gerar uma certa indisciplina pela parte do aluno. P2: Positivas. P3: Positivas, se dosado.
Cite algumas contribuições afetivas que possam auxiliar no aprendizado das crianças	P1: Você elogiar ... congratular o progresso de aprendizado de um aluno ou a ... quando um aluno se destaca positivamente, pode ser gratificante para eles, motivando a aprender. P2: Se sentirem seguras para se desenvolver no ambiente escolar. P3: Pequenas ações afetivas da parte da professora diariamente pode gerar mais motivação para o aluno querer aprender o conteúdo.

QUADRO 3	
PERGUNTAS	RESPOSTAS

Como você, professora, está trabalhando a afetividade durante esse período de COVID – 19?	P1: Apesar do momento delicado, onde não podemos abraçar, beijar e dar carinho como antes, procuramos trabalhar a afetividade de uma forma mais segura, demonstrando carinho e atenção com gestos, palavras e diminuindo os toques com o aluno. P2: Ela é trabalhada através do cuidado com a saúde pedindo sempre que eles higienize as mãos e que tenha cuidado com o colega, pode ser vista também através do carinho que transmitimos para os educando através das palavras. P3: Seguindo todos os protocolos, porém sendo afetiva nas palavras e no aconchego. P4: Na verdade trabalho do mesmo jeito, pois trabalho com crianças e não tem como você rejeitar um abraço de uma criança, um carinho, um afeto. Quando ela chora você tem que acalantar. Então, independente da pandemia, o meu trabalho exige que minha afetividade esteja em pauta sempre. P5: Então, eu estou trabalhando a afetividade durante a pandemia com palavras, a gente consegue trabalhar mais com palavras, porque a gente não pode ter contato físico. Com a flexibilização a gente tem mais contato mas nada comparado a antes, de pegar, abraçar e beijar. Por meio de palavras dá para trabalhar a afetividade, com brincadeiras.
O que mudou e o que ainda vai mudar com relação da afetividade com as crianças após a pandemia?	P1: No momento não podemos “dar” a afetividade necessária para criança, como era antes, porém quando a pandemia passar podemos demonstrar todo carinho e afeto através de beijos e abraços. P2: É possível notar que o contato físico está mais escasso, por conta da pandemia as pessoas sentem medo da aproximação, mudou em relação ao toque físico hoje a afetividade é vista nas palavras de carinho na ajuda. P3: Os abraços e os beijos, agora temos que ter afetividade de uma maneira diferente, um pouco mais distante. P4: É, não tem como trabalhar a afetividade à distância. As crianças continuam, acho que mais carente ainda, pois com o processo de pandemia elas foram afastadas das pessoas que podiam dar carinho para elas, e quando com os pais ou com outras pessoas, a qual elas não tinham intimidade elas voltaram mais carentes do que nunca. P5: O que mudou foi isso, antigamente podia ter o contato físico direto de amor e carinho, e depois da pandemia fomos vetado de ter esse contato.
Como pode ser trabalhado a afetividade nesse contexto de distanciamento social?	P1: Através das conversas, das contação de histórias, explicar sobre o momento delicado. P2: Afetividade não é só o toque, o abraçar e beijar, é também o zelo a preocupação, o respeito em conversar com os alunos e colegas, quando tratamos com carinho e amor e possível se sentir especial e acolhido. P3: Com a forma de carinho, beijos e abraços à distância. P4: O compartilhar, principalmente brinquedo, no início da pandemia nós tentamos de todas as formas, é, ser bem rigorosa, é, mas, limpando, tentando que não passasse de umas para as outras, porém as crianças são bem imprevisíveis, na hora que você pisca do nada está o coleguinha com o brinquedo do outro, e aí já coloca na boca, então é bem complicado essa questão. P5: Nesse contexto de distanciamento social podemos trabalhar com palavras de afeto, afirmar e reafirmar seu carinho pela criança e brincadeiras. Normalmente. Porém sem o contato físico.

Você sente que os alunos estão distantes afetivamente durante esse período de aulas online?	P1: De certo modo, sim. P2: Sim, pois para o professor é mais difícil identificar a necessidade dos alunos pois em muitos casos os alunos “n” se “expressão” 100%. P3: Sim. P4: Não, eles não estão distantes, eles estão mais carentes. P5: Não acho que eles tenham se distanciado. Eu acho que eles sentem falta do abraço, do beijo, do carinho das pessoas que trabalham com eles, dos professores mesmo e não acho que eles tenham ficado mais distantes, mas o que eu percebi que eles sentem falta mesmo e eles acham ruim de falar que não pode abraçar e beijar, é uma coisa ruim para eles.
O que estão pensando hoje/atualmente sobre a afetividade na educação infantil? A relação do distanciamento, como trabalhar o repartir, compartilhar etc.?	P1: Devemos sempre “trabalha” isso, e a importância de compartilhar, mas devemos também “explica” o momento em que estamos passando. P2: Hoje o professor está com uma grande missão pois é preciso inovar, na educação infantil ainda temos muito contato físico, é importante reforçar o cuidado com a saúde e a importância do álcool e máscara. P3: A maneira de conversar mais e demonstra, também é um ato de afetividade que pode ser trabalhado nesse momento tão delicado de pandemia. P4: Não tem como pensar o compartilhar, porque as crianças não tem noção disso, a gente trabalha a afetividade do mesmo jeito que trabalhava antes, porém frizando as regras de distanciamento social. P5: Eu estou pensando hoje sobre a afetividade na Educação Infantil o que eu sempre pensei, é, que a gente deve utilizar sim, com limites, porque tudo tem uma linha, a gente não pode ultrapassar. A gente tem que trabalhar sim a afetividade, a gente pode continuar trabalhando o compartilhar mesmo com o distanciamento.
Qual a maior dificuldade que enfrentou com as aulas remotas nesse período de pandemia?	P1: A falta de interesse em relação aos pais com atividades para crianças. P2: A concentração pois em casa muitas coisas tira nossa atenção, e acaba que “n” aprendemos direito. P3: De fato a aprendizagem dos alunos, que ficaram muito prejudicada. P4: Meu maior desafio nas aulas remotas foi ter que usar o celular quase que 24 horas do meu dia, pois eu não tenho o hábito de usar celular e essa angústia de ter que ficar respondendo pai, coordenação e direção de escola me estressou bastante. Outra coisa difícil foi a edição, gravação e cenário para os vídeos, que eu não tinha nenhum tipo de conhecimento, tive que correr atrás e isso me angustiou bastante. P5: Eu não fui professora durante a pandemia mas estava trabalhando em um estágio e a maior dificuldade foi com certeza gravar vídeos, primeiro porque nós não temos experiências com isso, em fazer vídeos porque a gente da aula presencialmente e segundo, porque a gente não tem contato direto com as crianças, então é mais difícil entender sobre o desenvolvimento delas quando você está a distância.
Notou alguma diferença emocional e/ou afetiva nos alunos nesse retorno pandêmico?	P1: Sim. P2: Sim, a maior parte dos alunos apresenta está distante dos professores e mais ligados as telas. P3: Sim.

	P4: Voltaram carentes, única diferença que notamos foi essa, voltaram inseguros, infantilizados podemos dizer assim. P5: Então no retorno a diferença emocional e afetiva que que reparei foi a questão deles sentirem falta do contato com as crianças e professores. Sendo que alguns sentiram falta e alguns resistência a volta das aulas, porém eles se adaptam muito fácil, então o sofrimento deles para voltar foi mais no “comecinho”, mas depois foi muito tranquilo. Faz muita falta ter contato com outras crianças.
Houve alguma adaptação nas aulas, levando em conta o período antes da pandemia, durante e o retorno ainda na pandemia?	P1: Sim, muita coisa mudou, principalmente o jeito que fazíamos antes da pandemia, tudo teve que ser adaptado. P2: Sim, adaptação em como dar as aulas, teve que mudar a internet pois não suportava. P3: Sim, alguns alunos tinha aprendido com mais facilidade em relação as aulas remotas, porém outros não. P4: Houve sim uma adaptação, nós tivemos que trabalhar bastante o contexto da pandemia, com histórias, personagens lúdicos, com as regras de distanciamento social e de higiene e o índice de frequência de lavar a mão das crianças aumentaram, então todo processo a gente lava a mão e sempre informando a elas o porquê que está lavando a mão, o porquê que não pode abraçar o coleguinha e eles geralmente desconsideram esse fato, porque na vontade de abraçar eles abraçam, independente da pandemia ou não. Então a gente mudou bastante o contexto, para esse retorno pós pandemia mas eu percebo que essas medidas de distanciamento social ficou já ultrapassada, mas nós continuamos com as medidas de higiene, uso do álcool em gel e a lavagem das mãos. P5: Quando eu estava estagiando, minha professora dava aula on-line e presencial, então dava um momento que ela começava a dar aula on-line para as crianças que estavam em casa, então a gente teve essa adaptação até o final do ano passado, já que esse ano voltou tudo regular, mas foi essa a adaptação que tivemos que fazer: as aulas on-line junto com a presencial, pelo menos na minha escola. O que eu não acho ideal, não achava produtivo, achava ruim para as crianças que estavam na sala, porque a professora precisava se distrair pra dar outra aula, duas turmas ao mesmo tempo. O que era bem complicado, mas foi o que aconteceu, porém não acontece mais.

Iniciamos aqui a apresentação dos resultados encontrados na análise da literatura educacional pandêmica, organizadas por perguntas sobre o contexto afetivo e afetivo-pandêmico.

Começamos a análise das perguntas e respostas do quadro 1, as professoras P1 e P2 concordam serem apegados afetivamente em alguns alunos, porém a P1 afirma que trabalha a afetividade sem exceções ou exclusões de alunos.

Na 2ª pergunta ambas professoras P1 e P2 se contradizem, sendo que, afirmam que a afetividade não interfere no processo de aprendizagem escolar, logo após citam que a afetividade auxilia no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, se contradizendo,

preocupando de como trabalham a afetividade em sala de aula e se realmente existe afetividade no ambiente escolar, o que pode acarretar vários problemas um ambiente déficit de afetividade.

Segundo Silva (2015, p. 3). “a falta de afeto compromete a construção do conhecimento e influi no emocional da criança. Os pais e os professores devem levar em conta a dimensão afetiva durante a aprendizagem e cuidarem da criança como um todo”.

Analisando as respostas da 3ª pergunta, a P2 destaca a sua resposta de como relacionar a afetividade em sala de aula apenas como essencial, já a professora P1 diz que relaciona a afetividade na sala de aula visto que um ponto de suma importância em sala de aula que procura conhecer o modo de vida, sua história, dificuldades de aprendizagem, buscando estar mais próxima dos alunos, transmitindo afeto.

O que propomos, afinal, é um olhar diferenciado para nossos alunos. Um olhar para o mundo em que vivem, para seus brinquedos, suas palavras e seus comportamentos. Um olhar cauteloso para seus valores, suas aspirações e suas necessidades. Talvez este seja o grande desafio da educação na atualidade: reconhecer este mundo tão diferente, preservar valores e comportamentos indissociáveis na prática educativa de todas as épocas, como a ética, a moral, e tentar atender as necessidades de cada uma das crianças inseridas neste mundo da atualidade, promovendo práticas educativas mais adequadas a tais necessidades, fazendo da escola um espaço de construção e valorização não só do coletivo, mas das significações, dos sonhos e das motivações individuais” (ESCARABOTO, São Paulo, 2007, p. 134).

Observando as respostas da 4ª pergunta, a professora P2 responde de maneira rara, apenas com um “bom”, já a professora P1 considera a afetividade com boas contribuições passando segurança tanto para os alunos como para os professores. O autor Silva aponta a importância da afetividade e aprendizagem:

Não há como negar a interligação da afetividade e a aprendizagem, pois na escola a criança se relaciona emocionalmente com os colegas e professores em sala de aula, o que nos remete a refletir sobre a necessidade de resgatar este tema na ação pedagógica com facilitador do processo de ensino-aprendizagem, despertando no discente a motivação, a segurança e a melhora no seu desempenho escolar, a partir de atividades e atitudes que direcionem a um maior conhecimento do aluno e de sua realidade” (SILVA, 2013, p. 1).

Na 5ª pergunta a professora de P1 cita algumas contribuições afetivas em sala de aula como o interesse dos alunos em aprender, confiar em relatar coisas do cotidiano, ajudar na aprendizagem, todo esse processo através da afetividade, ajudando na aprendizagem, com afinidade e espaço para falar com o professor sobre suas dificuldades. Já a P2 afirma que a criança se sente mais segura, desperta curiosidade e aprende de forma mais prazerosa. Os autores Osti e Tassoni (2019). destacam a importância de criar afinidade como os alunos em sala de aula:

Tassoni (2013). [...] os resultados possibilitaram discutir os diferentes sentimentos produzidos tanto durante as atividades de ensino quanto nas relações dos estudantes com a professora e com a sua respectiva família, dando visibilidade às experiências que podem criar maior afinidade e aproximação entre os estudantes e as práticas de leitura e escrita na escola. Ao comentarem sobre as atividades realizadas em sala de aula, os alunos expressaram sentimentos agradáveis e desagradáveis em relação a elas. Esses sentimentos estão relacionados diretamente às experiências de sucesso, conquistas, situações de erro ou fracasso (OSTI E TASSONI. SÃO PAULO. 2019, p. 13).

Começamos a análise das perguntas e respostas do quadro 2, na 1º pergunta as professoras P1 e P2 respondem à questão de maneira rasa apenas com um sim e a professora P3 responde apenas uma parte da pergunta dizendo que se considera apegada afetivamente em alguns alunos, porém tenta tratar todos iguais, sem exceções ou preferências.

Analisando as respostas da 2º pergunta, todas as professoras dizem que a afetividade não interfere no ambiente escolar, mas a P3 acrescenta que auxilia no processo de ensino-aprendizagem. Todas se contradizem, pois se afetividade não interfere não traria benefícios, mostrando que elas possam não ter prestado atenção nas perguntas ou não sabem como trabalhar a afetividade em sala de aula

Nas respostas da 3º pergunta, a professora P1 afirma que relaciona a afetividade com carinho e palavras de conforto. A professora P2 diz relaciona escutando o que os alunos têm a dizer e respeita o tempo deles. A professora P3 relaciona a afetividade ao respeito.

Observando as respostas da 4º pergunta, todas as três professoras afirmam que a afetividade traz aspectos positivos para a aprendizagem. De acordo com RCNEI (1998). destaca a preocupação em desenvolver o emocional do aluno, sendo necessário trabalhar desde a educação infantil, identificando suas emoções para compreender o que estão sentindo, sendo de extrema importância para o desenvolvimento educacional do aluno:

A preocupação com o desenvolvimento emocional da criança pequena resultou em propostas nas quais, principalmente nas creches, os profissionais deveriam atuar como substitutos maternos. Outra tendência foi usar o espaço de educação infantil para o desenvolvimento de uma pedagogia relacional, baseada exclusivamente no estabelecimento de relações pessoais intensas entre adultos e crianças (BRASIL, 1998, p. 18).

Já nas respostas da 5º pergunta as professoras P2 e P3 respondem apenas com um positivo, mas a professora P3 acrescentar que deve ser dosado. A professora P1 respondem de maneira mais completa, dizendo que varia de como a afetividade seja trabalhada. A afetividade trabalhada de maneira correta vai encorajar os alunos a entender o conteúdo. Enquanto se for trabalhada da maneira errada pode gerar uma certa indisciplina pela parte do aluno.

Na 6º pergunta as professoras citam algumas contribuições da afetividade em sala de aula. A professora P1 diz que os elogios podem ressaltar o processo de aprendizado dos alunos.

A P2 afirma que elas se sentem mais seguras para se desenvolverem no ambiente escolar. A P3 conclui que pequenas ações afetivas da parte da professora, todos os dias, podem encorajar mais os alunos a se motivarem.

Iniciando a análise das respostas do quadro 3 na 1ª pergunta podemos perceber que as professoras P1, P2, P3 e P5, concordam que pode ser trabalhado a afetividade com carinho, gestos e palavras de aconchego. Para Medeiros (2021), define a importância do diálogo em sala de aula:

A afetividade se faz necessária no ambiente escolar, sobretudo na sala de aula, na relação dialógica entre professor e aluno, em consequência de tais relações e da mediação do professor o aluno se desenvolve, constrói seu caráter, autonomia, socialização e avança em suas hipóteses, sempre respeitando a subjetividade da criança e concebendo-a como ser único” (MEDEIROS, 2021, p. 17).

Essas professoras suscitam que a importância do diálogo reforça a construção de uma relação de confiança entre professor e aluno. Nesse sentido, conforme apontaram Leite e Tassoni, “[...] tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões” (LEITE; TASSONI, 2002, p. 20).

Diante desses fatos, podemos ver como é importante desenvolver a afetividade nas palavras e gestos, deixando de lado o rótulo que afetividade são somente abraços e beijos. Para Silva e Renk:

As demonstrações de carinho, bem como a afetividade nas palavras ditas pelo professor, resultarão na aproximação da criança ao professor, dando segurança ao aluno, quando este necessitar acomodar as informações recebidas, sem repulsão ou aversão ao conteúdo apresentado, ou até mesmo ao próprio ato de aprender algo novo. Quando a criança sente segurança e acolhimento consegue expor suas dúvidas para que o educador o ajude a suprir” (SILVA, RENK. São Lourenço do Oeste. 2015, p. 5).

Já a professora P4, destacou que durante esse retorno das aulas não é possível manter o distanciamento com as crianças, pois em momentos de choro e tensão entre elas, é necessário um abraço, um aconchego ou/e um colo, para que elas se acalmem e se sintam seguras. Conforme os autores Silva e Renk, podemos identificar que em um ambiente que a criança não se sinta segura, acarretará consequências no processo de ensino-aprendizado. É importante a necessidade do acalantar e deixar que a criança se sinta segura nesse ambiente escolar.

Quando um professor não demonstra afeto em sua relação com os alunos, os exclui não se sensibiliza e não se preocupa em buscar uma solução para aqueles que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem como a leitura ou a escrita, o aluno consequentemente apresentará uma falta de motivação durante todo o processo de ensino e de aprendizagem” (SILVA, RENK, 2015, p. 8).

No que diz respeito a 2º pergunta, a professora P3 reformula sua opinião descrita na pergunta 1. Que a afetividade a partir de agora será de um modo diferente. Mas a autora, Medeiros reformula que mesmo em uma realidade diferente, o papel do professor afetivamente é de suma importância, pois, desenvolve o socioemocional da criança, promovendo o desenvolvimento integral do aluno. Tudo isso através da afetividade[u2] como citam o autor Medeiros:

Assim, é possível perceber que diante do atual contexto, além do distanciamento físico, há também uma enorme lacuna entre o que de fato significa e em que se pauta a afetividade. A capacidade que um ser humano tem de afetar o outro, sobretudo a figura do professor, tendo em vista que este possui um importante papel no desenvolvimento socioemocional dos educandos, o que infere diretamente na necessidade de o profissional entender como favorecer o desenvolvimento integral do aluno por meio da afetividade. Os benefícios que a afetividade é capaz de proporcionar, tanto para a relação professor aluno em sala de aula quanto para o desenvolvimento do educando de forma integral, são preconizados, inclusive, pelos documentos oficiais” (MEDEIROS, CURRAIS NOVOS/RN. 2021, p. 20).

A P2 responde a segunda pergunta afirmando que a afetividade pode ser trabalhada com palavras de carinho e ajuda. Podemos perceber que, mesmo com o distanciamento social, as professoras buscaram se reinventar as maneiras de trabalhar a afetividade em sala de aula. Os autores Mahoney e Almeida destacam a necessidade da relação professor-aluno no processo de aprendizagem:

Na relação professor aluno, o papel do professor é de mediador do conhecimento. A forma como o professor se relaciona com o aluno reflete nas relações do aluno com o conhecimento e nas relações aluno-aluno; queira ou não o professor é um modelo, na sua forma de relacionar-se, de expressar seus valores, na forma de resolver os conflitos, na forma de falar e ouvir (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 26).

A P1 fugiu levemente do foco da segunda pergunta, pois, mesmo com o período pandêmico e pós-pandêmico, existem possibilidades de ser trabalhada a afetividade, tanto no ensino remoto, tanto como no retorno das aulas presenciais.

De acordo com a legislação (LDB, 1996). a Educação a Distância é definida como:

Uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação. Dessa forma, a LDB considera a Educação a Distância como uma alternativa viável, capaz de oferecer educação de qualidade e de disseminar a informação em toda parte e a qualquer hora” (CAMPOS; MELO; RODRIGUES, 2014, p. 2).

Para alguns pesquisadores como Cunha, Silva e Bercht (apud CAMPOS; MELO; RODRIGUES), eles consideram que:

O tutor precisa ter atributos afetivos importantes para desempenhar seu papel desafiador como comunicabilidade, pontualidade, comprometimento, criatividade e iniciativa. Nesse sentido, o tutor deve privilegiar uma linguagem mediadora entre eles e os alunos, valorizando todas as dimensões humanas, tais como: razão, sentimentos, emoções e espiritualidade no processo de ensino e aprendizagem” (CUNHA, SILVA e BERCHT *apud* CAMPOS; MELO; RODRIGUES, 2014, p. 4).

A professora P4 afirma que não é possível trabalhar a afetividade à distância e que os alunos voltaram mais carentes nesse período pós-pandêmico. A autora Gazaro (2018, p. 6), afirma que: “considerando que as emoções levam as crianças a caminhos que resultarão no seu futuro, se falta afeto em casa e o aluno busca na escola, assim como também na sala de aula. [...]”.

Com a pandemia do COVID-19 os alunos sentiram falta do contato e afeto que possuíam com os professores e colegas de sala. Esse afeto é imprescindível para a interação da criança com novas pessoas e convívio com o meio externo. Conforme o livro: “Contribuições do Todos Pela Educação para qualificar o debate público e apoiar os gestores frente ao futuro processo de reabertura das escolas: O RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19, afirma que:

Estudos sobre os efeitos psicológicos de períodos de quarentena durante epidemias apontam que o estresse gerado pelo distanciamento social é bastante significativo e pode gerar impactos emocionais aos profissionais da Educação e aos alunos. Tais impactos estão diretamente associados a fatores como a longa duração do isolamento, o medo de infecção, as incertezas quanto aos recursos financeiros, a falta de informação adequada e, até mesmo, o convívio prolongado em um ambiente doméstico tóxico, por vezes, de violência e abuso” (2020, p. 7).

Assim sendo, percebemos que os alunos voltaram, além de carentes, com outros problemas relacionados a quarentena e ao distanciamento social. A escola e os professores necessitam de uma rede de apoio maior, pois estes estão lidando diretamente com esses alunos, que passaram por essas situações no período pandêmico. O livro: “Contribuições do Todos Pela Educação para qualificar o debate público e apoiar os gestores frente ao futuro processo de reabertura das escolas: O RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19, atesta que:

Como principais consequências desses efeitos a nível individual estão, por exemplo, o aumento da ansiedade e da agressividade, dificuldades de concentração e, em casos mais graves, maior incidência de insônia, depressão e, até mesmo, suicídio. As pesquisas destacam, também, que tais efeitos na saúde emocional podem trazer outras consequências para a convivência escolar no retorno às aulas, como a tendência de aumento de conflitos entre os pares e de comportamentos agressivos entre os alunos” (2020, p. 8).

Posteriormente, a professora P5 respondeu apenas uma parte da pergunta, limitando-se somente a dizer o que mudou, afirmando que foi apenas o impedimento de ter o contato físico. Conforme com os autores Menezes e Francisco (2020, p. 997): “[...] Os estudantes consideram que no ensino online se perde a interação face-a-face, discussão estudantil e atenção pessoal, dentre outros aspectos”.

Podemos observar, conforme os autores que, os estudantes observam que no houve mudanças significativas no ensino remoto, em que dispensa o contato físico e a interação. Sendo assim, a aprendizagem efetiva não ocorre do mesmo modo. Os estudantes se sentem distantes, desconectados e com inseguranças com relação ao (COVID-19), esses aspectos de medo são referentes a interação com o mundo externo e ao contato com os professores e outros alunos. Os autores Silveira, Vargas, Santos, Huppés e Hurting destaca:

A pandemia trouxe diversas mudanças no cotidiano de trabalho dos profissionais que atuam na Associação, novos cuidados foram adotados, adaptações na rotina e estratégias para a continuidade do trabalho com crianças e adolescentes que apresentam deficiência. Os achados revelam a presença do medo, insegurança, dificuldade de adaptação ao meio virtual, ausência do contato e reflexões sobre a morte (SILVEIRA, VARGAS, SANTOS, HUPPES E HURTING. Vista Alegre, Palmeira das Missões – RS. 2021, p. 1).

Destacando as respostas da 3ª pergunta, as professoras P1, P2 e P5 afirmam novamente que nesse contexto pós-pandêmico e isolamento, existem outros meios de trabalhar a afetividade sem o contato físico. Ela afirma que pode ser trabalhado com palavras carinhosas, gestos de afeto, acolhimento e brincadeiras.

Conforme Hansen (2017, p. 45). “somente a partir de um laço profundo de amor entre o adulto e criança é que a educação pode existir”. Esse laço que o autor se refere se estabelece nas mediações e nas interações realizadas. Nessa linha de pensamento uma questão importante como falamos com as crianças, pois a voz é um transmissor de sentimentos. Conforme o mesmo autor “as boas palavras são sons harmônicos. E sons harmônicos ajudam a harmonizar a criança” (HANSEN, 2017, p. 62).

A professora P3 foge totalmente da pergunta, pois afirma que pode-se trabalhar a afetividade nesse contexto com carinho, beijos e abraços à distância. O que sabemos que não é possível, pois o beijo e abraço são toques, pele na pele e contato físico. Existem inúmeros meios

de se trabalhar a afetividade nesse período. Isso mostra o despreparo/dificuldade que a professora P3 sofreu durante esse contexto pandêmico. De todo modo:

As circunstâncias da pandemia do novo coronavírus determina a muitos professores a necessidade de rever a maneira de abordar a pedagogia. Consequentemente, essa parcela de atores, uma particularidade da estrutura educacional nacional, busca alternativas com potencial de remodelar as abordagens educacionais tradicionais, incorporando ao seu repertório a possibilidade do ensino online ou uma forma mista de ensino, copresencial e a distância, com efeito positivo na aprendizagem dos alunos” (PAPIM, 2021, p. 216).

A professora P4 destaca a sua resposta em relação ao compartilhar na educação infantil. A BNCC destaca a habilidade EI02EO03 que consiste em: compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos. O compartilhar na educação infantil faz parte do processo de aprendizado da criança, no qual ela desenvolve o conceito que ela é um ser diferenciado, começa a entender o outro. Com isso ela aprende a respeitar o próximo, propagando valores como a entrega, dedicação e o tempo. A autora Barbosa (2010). salienta a importância do compartilhar nas escolas:

As diretrizes apresentam a escola de educação infantil como um espaço educacional que tem o importante papel de compartilhar, de forma indissociável [...]. Essa é uma característica essencial desse tipo de instituição e a distingue de outros tipos de estabelecimentos e níveis educacionais” (BARBOSA. Belo Horizonte, 2010, p. 3).

Analisando as respostas da 4ª pergunta, as professoras P1 e P3 responderam à questão de maneira bem rasa, sem fundamentação teórica e sem aprofundar suas respostas.

A professora P2, afirma que para o professor é mais difícil identificar as expressões, pois os alunos não se expressam 100%. Podemos identificar que há alguns erros de ortografia, porém, não podemos definir se foi do aplicativo de mensagens ou se foram erros de escrita.

No que se refere as dificuldades que estão sendo identificadas nos alunos em relação às atividades propostas citadas pelos professores à falta de compromisso, desmotivação, demora nas devolutivas das atividades, ausência de acompanhamento dos pais e organização dos horários de estudos, além da dificuldade de acesso à internet” (MIRANDA, LIMA, OLIVEIRA, TELLES. Maceió, 2020, p. 9).

Posteriormente, a professora P4 afirma que os alunos não estão mais distantes afetivamente e sim carentes. Em muitas pesquisas apresentam dados de que, no período pandêmico, a saúde mental de muitos foram atingidos, pois o receio de ficar em isolamento, medo de pegar o vírus, distantes da família e amigos, afetaram drasticamente o psicológico das pessoas, desenvolvendo até depressão, ansiedade e ataque do pânico. Pois estavam em um momento de incertezas e perigo constante. As autoras Silva e Rosa destacam esses dados em seu livro:

Esta revisão evidencia que um número expressivo de estudantes, de diferentes níveis e modalidades de ensino, tiveram que lidar com os efeitos psicológicos causados pela ruptura da rotina pessoal e suspensão do ensino presencial. Os efeitos se revelaram na forma de sentimentos de medo, solidão, angústia, alterações de sono que podem evoluir para sintomas de estresse, ansiedade e depressão” (SILVA, ROSA. Nova Hamburgo. 2020, p. 2).

Subsequentemente, a professora P5 consolida que os alunos não estão distantes e sim que sentem falta do afeto, do acalento, do contato físico, do beijo e abraço. Diante disso, é possível identificar a importância da afetividade para os alunos. O autor Chalita (2001), destaca a notoriedade da afetividade com os alunos:

Acreditam no afeto como um canal de realização, de troca, de cumplicidade, de entrega, de vibração. [...] Como alunos acabam chamando a atenção pelo sorriso, pela amizade, pela emoção. Como professores se tornam imprescindíveis. Conseguem dar afeto porque sentem afeto. Conseguem ser amáveis porque aceitam receber amor, receber amizade” (CHALITA, São Paulo, 2001, p. 242.).

Analisando a 5ª pergunta, a professora P1 e P2 destacam a necessidade de explicar o momento delicado que estamos passando, reforçando o uso de máscaras e álcool em gel. A professora P1 destaca sobre o compartilhar e dividir. Nessa resposta também podemos identificar alguns erros de conjugação dos verbos trabalhar e explicar. Os autores Silva, Danzmann, Neis, Dotto e Abaid (2021), destacam a importância de explicar o momento que estamos passando para os alunos/crianças:

Por outro lado, o adoecimento e a hospitalização pela COVID-19 podem ser vivenciados pela criança. Caso isso aconteça, deve estar acompanhada de um adulto de sua confiança, pois do contrário esse período de internação pode ser marcado pela agitação, crises de angústias e até mesmo o desenvolvimento da depressão. Outro ponto fundamental nesse caso é o relato verdadeiro da situação e do tratamento da criança, para que ela entenda e venha a se sentir segura diante do contexto (Fiocruz, 2020b). (SILVA, DANZMANN, NEIS, DOTTO E ABAID. 2021, p. 8.).

Já a professora P2 responde à pergunta enfatizando a necessidade constante da inovação na educação infantil, procurando estimular a criatividade infantil. Conforme o tempo passa surge novos interesses e o professor deve se atentar as necessidades dos alunos, a fim de despertar o seu interesse em sala de aula, buscando o desenvolver o conhecimento integral dos alunos. As autoras Neves-Pereira e Branco destacam os fenômenos da criatividade infantil:

Compreendida como fenômeno humano, a criatividade pode e deve ser investigada em sua gênese e processo de desenvolvimento, com foco no sujeito e suas dinâmicas de inserção na cultura por meio de reguladores semióticos que a circundam e mobilizam ao longo da ontogênese. Analisar o fenômeno criativo em uma perspectiva de desenvolvimento humano permite o resgate do sujeito que cria em sua trajetória ontogenética, além de considerar a dimensão sociocultural, histórica e temporal como aspectos constitutivos do sujeito e suas potencialidades, onde se inscreve a capacidade de criar” (NEVES-PEREIRA, BRANCO, 2015, p. 163.).

Analisando a resposta da professora P3, percebemos que ela destaca novamente a questão das palavras nesse período pandêmico. De acordo com esses fatos relata que a maneira de conversar também é um ato de afetividade e que é de suma importância comunicar sobre esse momento que estamos passando. Verificando sobre a resposta da P3, conseguimos perceber a importância da interação com a criança, deixa-lá por dentro dos assuntos atuais, permitir sua expressão, ouvir o que tem ela tem para falar e disponibilizar espaço para as conversas e palavras de aconchego. Os autores Hohmann e Weikart *apud* Viera, reforçam esse pensamento:

“Este estilo de interação permite à criança expressar com liberdade e confiança os seus pensamentos e sentimentos, decidir acerca da direção e conteúdo da conversa e experimentar uma partilha verdadeira no diálogo. Os adultos apoiam as suas intervenções com encorajamentos de acordo com uma abordagem de resolução de problemas. Utilizam estas estratégias como base para lidar com situações diárias da sala de aula, em detrimento da aplicação de estratégias apoiadas num sistema de controlo da criança através do elogio, da punição ou do reforço (HOHMANN; WEIKART, 2003, p. 6 *apud* VIEIRA, 2008, p. 34).

PREVIA
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

Previamente, a professora P4 afirma que não é possível trabalhar o compartilhamento na pandemia, pois as crianças não possuem noção desse conceito. A professora P4 e P5 entram em consenso que estão trabalhando a afetividade como antes, sem mudanças, mas frisando as regras de distanciamento social, medidas protetivas e com limites de contato.

Sendo considerada a “primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” como mostra o Art. 29 da Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9.394/96).

A Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 36). diz que a Educação Infantil deve “ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à Educação familiar” (p. 36). Afirmando que cabe ao educador “refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças” (p. 39).

Desse modo, é nesse espaço escolar que as crianças começam a interagir e descobrir o mundo a sua volta, fora do seu ambiente familiar, fazendo amigos, compartilhando e aprendendo a conviver e respeitar as diferenças culturais.

Na 6ª pergunta a professora P1 relata que o maior desafio enfrentado durante a pandemia em relação ao aprendizado foi a desinteresse dos pais em relação às atividades das crianças. “O engajamento significativo dos alunos no ensino online é complexo e compreende aspectos relacionados “à dimensão social, cognitiva e a presença do professor e os discursos que sustentam a interação” (EWING e COO-PER, 2021, p. 2).

A citação relata como a mudança do ensino presencial para o ensino remoto trouxe mudanças significativas, tanto para os alunos quanto para os professores. Foi um momento relativamente complexo e de muitas modificações em todos os contextos, em destaque o educacional.

O professor precisou modificar o modo de planejar e adaptar suas aulas para atender esse momento. Os pais necessitaram ressignificar o modo de ensinar os filhos em suas atividades, pois os alunos não tinham mais esse momento presencial com o professor, transferindo esse momento para os pais e responsáveis.

Questionados sobre quais as dificuldades, enquanto docentes, foram encontradas durante a pandemia, e em resposta, todos informaram ser a ausência de um acompanhamento do responsável pela criança, não sabiam se o aluno estava aprendendo de forma correta e não conseguiam identificar se o aluno estava sendo avaliado de forma justa” (SÁ E MENEZES. 2021, p. 9).

A dificuldade dos docentes e discentes passaram por diversos aspectos: o de lidar com a pandemia, o home-office e o trabalho de casa contribuíram para a diminuição da atenção das atividades dos filhos. São vários pontos de destaque que colaboraram para a dispersão da atenção das atividades. Uma delas que não podemos deixar de falar é que, muitos alunos são criados pelos avôs, tios, etc., em que alguns não completaram os estudos ou podendo ser analfabetos funcionais e a escola era o ponto de apoio desses alunos. Pontuando também a dificuldade de conexão que os alunos e pais enfrentaram e a falta de aparelhos para a realização de atividades e das aulas.

Com as aulas remotas, muitas dificuldades foram identificadas, desde a carência de instrumentos, por parte de muitos alunos, que facilitariam as aulas virtuais, assim como a incapacidade de dos professores, em manusear os recursos midiáticos, tendo esses, a busca urgente de capacitações para o uso dos equipamentos e os demais recursos” (SÁ E MENEZES. 2021, p. 3).

A professora P2 informa que o maior desafio enfrentado foi a concentração, já que aprender em casa pode ter vários aspectos que tiram a atenção dos alunos, até mesmo aprender pelo celular é um gatilho para o aprendizado. Alguns professores afirmam que as telas atrapalharam o ensino e era mais sucinto que se distraíssem durante as aulas, mas o autor Soares (2002), defende o uso das telas no aprendizado:

A tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela” (SOARES, 2002, p. 152).

Na resposta da professora P3 afirma que a maior dificuldade foi em relação ao aprendizado dos alunos. “Dois anos se passaram e nem todas as dificuldades foram superadas, elas continuam surgindo e muitos professores têm enfrentado grandes batalhas em relação às aprendizagens das crianças, resultando em impactos significativos e preocupantes, pois a comunicação, linguagem e ensino foram modificados” (SÁ E MENEZES. 2021, p. 5).

As professoras P4 e P5 relatam que o maior desafio foi o das gravações das aulas, passar horas gravando vídeos e editando os mesmos, sendo que não possuíam nenhum tipo de orientação para realizar esses procedimentos.

A literatura também retrata os desafios dos educadores e a sobrecarga de trabalho com o planejamento e preparo de atividades, bem como com a atenção individualizada aos pais e alunos. Segundo Tonelli e Furlan (2021), no contexto brasileiro, a exaustão e sobrecarga dos educadores ocorreu especialmente quando eles foram inesperadamente obrigados a repensar seus processos de trabalho. O excesso de demandas do ensino remoto sobrevém não apenas com a integração das plataformas digitais, mas por conta da construção de atividades individualizadas, nas quais há a necessidade de antever as dificuldades dos alunos e as restrições do ambiente online (YATES, STARKEY, EGERTON e FLUEGGEN, 2020, p. 15).

Elas destacam que a situação foi difícil, pois observar as reações em relação às propostas das aulas e do conteúdo ficou inexistente, dificultando a observação das reações se foram positivas ou negativas. Os autores Nóbrega e Oliveira destacaram os desafios enfrentados durante o período de aulas remotas:

De acordo com levantamento feito pela UFMG e pela CNTE, quase 90% dos professores não tinham experiência com aulas remotas antes da pandemia, e 42% seguem sem treinamento apropriado, aprendendo por conta própria. A pesquisa aponta ainda que 21% consideram difícil ou muito difícil lidar com tecnologias digitais (G1, 2020). (NÓBREGA E OLIVEIRA, p. 3).

Nos relatos da 7ª pergunta as professoras P1 e P3 responderam à pergunta de forma rasa, com apenas “sim”.

A professora P2 relatou que a diferença notada foi que os alunos estão distantes dos alunos e mais próximos das telas. Já o relato da professora P4 responde que a única diferença notada foi que, os alunos voltaram mais inseguros e infantilizados.

Observando a resposta da professora P5, ela destaca que a diferença foi afetiva e emocional, que voltaram mais carentes, sentindo falta do contato físico, com alguns até sendo resistentes em relação ao distanciamento social.

O ensino remoto emergencial requereu da comunidade educacional a adaptação, a resignificação e o enfrentamento de diversas situações, tais como a ausência do relacionamento presencial de alunos e professores, a necessidade de maior autonomia dos alunos na aprendizagem e dos pais coadunarem o trabalho e o estudo dos filhos, bem como a complexa realidade de sobrecarga de trabalho dos educadores” (RODRIGUES. 2020, p. 25. EDUCAÇÃO REMOTA EM TEMPOS DE PANDEMIA - ensinar, aprender e resignificar a educação).

Na 8ª pergunta a professora P1 responde que houve muitas mudanças, principalmente como lidávamos antes da pandemia e que tudo teve que ser adaptado. Já a professora P2 diz que a maior mudança foi em relação à conexão de internet, pois a internet não suportava as aulas remotas. A professora P3 afirma que alguns alunos aprenderam com mais facilidade com as aulas remotas, porém outros não.

Durante todo o ano de 2020 vivenciamos professores, alunos, sistemas de ensino e pais enfrentaram grandes dificuldades para continuar garantindo o direito de acesso das crianças a educação sistematizada oferecida, agora, de forma remota. Dificuldades em lidar com as novas tecnologias, computadores e equipamentos ou com a ausência destes, bem como a dificuldade de acesso à internet” (MONTEIRO, RIBEIRO, SILVA E BARBOSA, p. 6).

Analisando a resposta da professora P4 percebemos que houve um empenho em relação a 8ª pergunta, ela destaca que houve uma adaptação no modo de trabalhar, resignificou o método de trabalhar, contando o contexto da pandemia de forma lúcia e histórias, relatando o distanciamento social e higiene. O índice de frequência de lavar a mão das crianças também aumentaram, mudando que em toda atividade lava as mão das crianças e explicam o motivo. Ela relata que algumas vezes os alunos desconsideram o fato de não poder abraçar os coleguinhas, mesmo explicando constantemente a importância do distanciamento social,

relatando um ponto importante, afirmando que com o retorno das aulas o distanciamento social ficou ultrapassado, mas que continuaram com as medidas de higiene.

A professora P5 relata que durante a pandemia ainda estava estagiando e a experiência que teve foi de quando auxiliava a professora. O seu relato é de que a professora dava aula on-line e presencial e a mudança mais significativa foi essa. A professora P5 relata que não foi o ideal pois não era produtivo, as crianças que estavam na sala saíam prejudicadas.

CONCLUSÃO

Nos direcionando para o final da monografia e considerando a questão central da pesquisa “Qual a influência da afetividade nos processos de interação e de aprendizagem da criança na educação infantil?”, podemos concluir que a afetividade é um ponto extremamente importante para o desenvolvimento completo da criança, como aluno e como cidadão. O carinho, amor e afeto trazem segurança e conforto para o ambiente escolar, proporcionando que o aluno se sinta confortável para se desenvolver e se entregar por inteiro para a aprendizagem. “A afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal – é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade”. ROSSINI, PETRÓPOLIS. 2012, p. 10).

Quando se entende os sentimentos infantis de amor, raiva, tristeza e felicidade etc; podemos trabalhar a partir disso, entendendo e trabalhando como lidar com as suas emoções, frustrações, colocando no lugar do próximo e criando laços de interação. Visto isso, é possível conceder para a sociedade uma pessoa crítica- reflexiva, empática e consciente dos seus atos. O RCNEI (1998). defende esse ponto:

O desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias (BRASIL, 1998, p. 11).

O professor entra como mediador nesse processo afetivo escolar, compreendendo e verificando as emoções dos seus alunos. Nesse caso, cabe ao docente direcionar suas crianças para o entendimento dessas emoções, para que se possa trabalhar a afetividade em sala de aula de acordo com a necessidade dos seus alunos, não esquecendo de garantir afeto em gestos, palavras e escutando sua turma. Com isso a escola se torna um lugar seguro para descobertas e crescimento educacional com afetividade, contudo, de forma saudável, tratando todos os alunos de maneira igualitária, sem exceções e sempre dosando como trabalhar a afetividade, pois o

excesso de afetividade pode prejudicar os alunos e o processo de ensino-aprendizagem. Os autores Silva e Bondi descrevem a importância da afetividade no processo de aprendizagem:

A afetividade estimula o desenvolvimento do saber e da autonomia, por meio das relações que a criança estabelece com o meio e, por isso, ela deve ser respeitada e amada em seu ambiente escolar, pois em seu processo de aprendizagem ela começa a expressar seus sentimentos e emoções, e dessa forma consegue se desenvolver integralmente. Neste sentido, a afetividade deve ser um vínculo entre professor e aluno, cujo objetivo principal é estabelecer uma boa relação para que se obtenham bons resultados nos processos de ensino e aprendizagem. O professor tem a tarefa de ser mediador no contexto da realidade escolar para que consiga exercer com êxito sua função de educar e consiga alcançar cada aluno, independente de sua necessidade (SANTOS; BONDI, 1988, p. 2).

Ambientes com déficit de afetividade podem acarretar graves problemas no desenvolvimento dos alunos, como insegurança, dificuldades para confiar e repulsão à aprendizagem. Casos mais sérios podem desenvolver problemas sociais de confiança e segurança. As autoras Rayane e Sousa (2018, p. 3). destacam esses problemas da falta de afetividade: “Diversas são as consequências causadas pela falta desse vínculo afetivo nos primeiros anos de vida da criança, principalmente nos aspectos cognitivo e afetivo. Os abalos emocionais diante das privações vividas podem causar à criança um transtorno de conduta, psicose e até mesmo a depressão”.

Em relação aos questionários 1 e 2, o assunto dividiu os professores. Nota-se que todos acreditam que a afetividade é indispensável, mas pelas respostas contraditórias surgiu a dúvida se realmente sabem como trabalhar o afeto coerente em sala de aula. O questionário 3 foi o que as respostas foram mais completas e percebemos que houve unanimidade das respostas sobre a dificuldade de trabalhar a afetividade no contexto pandêmico e pós-pandêmico, no qual os professores se encontraram em uma situação de despreparo, em que ficaram sobrecarregados, sem apoio e suporte para a execução das aulas on-line.

Durante a execução das aulas on-line os professores se empenharam em relatar toda a situação que estávamos enfrentando para os alunos, contando sobre a pandemia e sobre os cuidados que deveriam tomar, assim como as regras de distanciamento social e de higiene. Foi relatado a dificuldade de trabalhar a afetividade no retorno das aulas, pois os alunos necessitam de amparo e carinho em determinadas situações.

Já os alunos tiveram que enfrentar grandes desafios nesse período, com a falta de preparo dos pais e responsáveis, falta de equipamentos para assistir as aulas e uma internet boa para acompanhar os conteúdos. Podemos destacar também que em alguns casos houve a

desmotivação dos alunos e pais na execução das atividades, muitos professores relataram a falta de retorno das tarefas propostas.

Ainda estamos em um momento incerto, enfrentando as consequências da pandemia, em que os alunos se distanciaram fisicamente e afetivamente dos familiares, professores e colegas de classe e até perderam familiares próximos, causando muito impacto em suas vidas, tornando difícil a tarefa de compreender esse período pandêmico.

Wallon foi o educador que aprofundou essa questão da afetividade no processo evolutivo, sendo que ele não coloca a inteligência como o ponto “x” do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões - motora, afetiva e cognitiva – que atuam simultaneamente. Sendo que, a afetividade é expressa de três maneiras: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas maneiras surgem durante todo o processo de desenvolvimento da vida, como uma evolução.

Portanto, identificamos como é importante e necessário a afetividade para o desenvolvimento escolar e social da criança, e a falta da afetividade pode acarretar vários problemas. Em casos mais graves houveram atraso no processo de aprendizagem e até ansiedade, depressão e ataques de pânico devido aos problemas relatados na pandemia, em que os alunos, pais e professores não tiveram apoio psicológico nesse período. Pode-se afirmar que o pós-pandêmico está sendo difícil tanto para os alunos como para os professores, recuperar esse atraso educacional causado pela COVID-19 pode levar bastante tempo. Sem dúvidas foi um momento muito delicado e desafiador, mas agora precisamos nós reinventar para ajudar a recuperar os prejuízos causados pela pandemia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Papirus, 2004. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/read/556340009/A-emocao-na-sala-de-aula>>. Acesso em: 03 de março de 2021.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Org.). Henri Wallon: psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2000. p. 51-58.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Ser professor: Um diálogo com Henry Wallon. In: MAHONEY, A.; ALMEIDA, L.R (Org.). **A constituição da pessoa na proposta de Henry Wallon**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 119-142

AMARAL, Suely Aparecida. **Estágio categorial**. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga;

AMORIM, Márcia Camila Souza de; NAVARRO, Elaine Cristina. Afetividade na Educação Infantil. **Revista Eletrônica da Univar**. 2012, n.º 7, p. 1 – 7.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india>. Acesso em: 22 de junho de 2021.

BARBOSA, Maria Carmen. Especialidades da ação pedagógica com bebês. Belo Horizonte. 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154-2-2-artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem/file>>. Acesso em: 27 de junho de 2022.

BEZERRA, FIGUEIREDO E PEREIRA. Adriana, Alyne e Malay. **REFLEXÕES E DESAFIOS DAS NOVAS PRÁTICAS DOCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA.** João Pessoa. 2020. Disponível em: <<http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/educacao/reflexoes-e-desafios-das-novas-praticas-docentes-em-tempos-de-pandemia/reflexoes-e-desafios-das-novas-praticas-docentes-em-tempos-de-pandemia.pdf>>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

BRAIT, Lílian Ferreira Rodrigues; MACEDO, Keila Márcia Ferreira de; SILVA, Francis Borges da; SILVA, Márcio Rodrigues; SOUZA, Ana Lúcia Rezende de. A relação professor/aluno no processo de ensino aprendizagem. **Revista eletrônica do curso de Pedagogia.** Jataí: UFG. 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** 9394/1996. Brasília: DF, DOU, 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 17 de janeiro de 2021.

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil#a-educacao-infantil>>. Acesso em: 26.jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. —Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 26 de agosto de 2022.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto.** Editora Gente. 9º edição. São Paulo. 2001.

DÍAZ, Félix. **O PROCESSO DE APRENDIZAGEM e seus transtornos.** Salvador. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5190/1/O%20processo%20de%20aprendizagem-repositorio2.pdf>>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

ESCARABATO, Kellen. **SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CONHECER E ENSINAR.** São Paulo. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/pGCzs9h8KmxtpFwz7pwKcNh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 de agosto de 2022.

EWING, L; COOPER, H. B. **Technology-enabled remote learning during COVID-19:**

perspectives of Australian teachers, students and parents. Technology, Pedagogy and Education, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/348983410_Technology-enabled_remote_learning_during_COVID-19_perspectives_of_Australian_teachers_students_and_parents>. Acesso em: 17 de abril de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

GAZARO, Daniela Cristina. **O papel da afetividade na Educação Infantil**. Abelardo Luz/SC, dezembro de 2018. Disponível em: <<http://abelardoluz.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2019/02/TC-Daniela.pdf>>. Acesso em: 24 de junho de 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6°. ed. São Paulo: Atlas. 2008. _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6°. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://home.ufam.edu.br/salomao/Tecnicas%20de%20Pesquisa%20em%20Economia/Textos%20de%20apoio/GIL,%20Antonio%20Carlos%20-%20Como%20elaborar%20projetos%20de%20pesquisa.pdf>>. Acesso em: 21 de junho de 2021.

HANSEN, Roger. **Pedagogia Florença I: bases para a Educação Infantil**. Santa Catarina: edição do autor, 2017. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/pdf/pedagogia-florenca-i/livro:748280/edicao:751377?privacy-agree=true>>. Acesso em: 27 de junho de 2022.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Damásio. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep145/pesq.htm>>. Acesso em: 22 de junho de 2021.

NEVES-PEREIRA E BRANCO. Mônica e Angela. **Criatividade na educação infantil: contribuições da psicologia cultural para a investigação de concepções e práticas de educadores**. Brasília. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/JrQrRDsGxdXYDRpkPyDNTTG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 de jul. de 2022.

NÓBREGA E OLIVEIRA. Luciano e Franscico. **Os desafios da educação remota em tempos de isolamento social**. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/14/os-desafios-da-educacao-remota-em-tempos-de-isolamento-social>>. Acesso em: 23 de jul. de 2022.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **Afetividade no processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. *Psic. da Ed.*, São Paulo, 20, 1º sem. de 2005, pp. 11-30. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43324>>. Acesso em: 18 de fev. de 2021.

MEDEIROS, Aline. **LEITURAS SOBRE A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA CIDADE DE CURRAIS NOVOS/RN**. CURRAIS NOVOS, RN . 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/43787/1/Aline%20TCC%20vers%C3%A3o%20final.pdf>>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

MENEZES, FRANCISCO. Suzy, Deise. **Educação em tempos de pandemia: aspectos afetivos e sociais no processo de ensino e aprendizagem.** Revista Brasileira de Informática na Educação – RBIE - Brazilian Journal of Computers in Education. 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/347809232_Educacao_em_tempos_de_pandemia_aspectos_afetivos_e_sociais_no_processo_de_ensino_e_aprendizagem>. Acesso em: 25 de junho de 2022.

MIRANDA, LIMA, OLIVEIRA, TELLES. Karcia, Alzenir, Valeska, Cinthia. **Aulas remotas em tempos de pandemia: Desafios e percepções de professores e alunos.** Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA_ID_5382_03092020142029.pdf>. Acesso em: 01 de jul. de 2022.

MONTEIRO, RIBEIRO, SILVA E BARBOSA. Edna, Gilvânia, Sarah e Verônica. **A ADAPTAÇÃO INICIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE O ENSINO REMOTO: A EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE (PB).** Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA109_ID6926_29072021221243.pdf>. Acesso em: 26 de agosto de 2022.

OSTI E TASSONI. Andréia e Elvira Cristina. **AFETIVIDADE PERCEBIDA E SENTIDA: REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.** São Paulo. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/ntJcNdtKZTDvhGGZzw7ZPz/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 de agosto de 2022.

PAPIM, Angelo Antonio Puzipe. **O que será da educação escolar pública no pós-pandemia: configuração histórica, desigualdade social e econômicas e circunstâncias atuais.** In: _____; ROMA, Alessandra Ferreira Di (Orgs.). **Educação em tempos de pandemia: novas fronteiras do ensino e da aprendizagem [recurso eletrônico].** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/10ZB5OlZ_U7pYdywZycCPhOCtDNkEN5ty/view>. Acesso em: 27 junho 2022.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** 19 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

RAYANE E SOUSA. Daniele e Daniela. **PRIVAÇÃO AFETIVA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO.** 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/721-Texto%20do%20artigo-3111-1-10-20181210.pdf>>. Acesso em: 25 de agosto de 2022.

ROCHA, Maria da Conceição. **A contribuição da afetividade na aprendizagem escolar na Educação Infantil.** Caraúbas-RN. 2016. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3/A%20Contribui%3%a3o%20da%20Afetividade_Artigo_2016.pdf>. Acesso em: 17 de fev. de 2021.

ROSSINI, Maria Augusta. **Pedagogia afetiva.** 13. Ed. Petrópolis-RJ. Vozes, 2012

SÁ E MENEZES. Carla e Aureliana. **As Principais Dificuldades enfrentadas por**

Professores durante a Pandemia para Avaliação dos Estudantes dos Anos Iniciais na Escola Municipal Dr. Severino Alves de Sá. 2021. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/viewFile/3342/5232>>. Acesso em: 22 de jul. de 2022.

SANTOS; BONDI. Ana Caroline e Kerly. **A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA INSERIDA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** Disponível em: <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/a-importancia-da-afetividade-no-processo-de-aprendizagem-e-desenvolvimento-da-crianca-inserida-na-educacao-infantil.pdf>>. Acesso em: 24 de agosto de 2022.

SANTOS, Fabiani; RUBIO, Juliana de Alcântara. **Afetividade: abordagem no desenvolvimento da aprendizagem no Ensino Fundamental - Uma contribuição teórica.** Revista Eletrônica Saberes da Educação .Vol. 3, nº 1, 2012. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Fabiani.pdf>>. Acesso em: 16 de fev. de 2021.

SILVA, DANZMANN, NEIS, DOTTO E ABAID. Ana Cláudia, Pâmela, Luana Paula, Ediléia e Josiane. **Efeitos da pandemia da COVID-19 e suas repercussões no desenvolvimento infantil: Uma revisão integrativa.** 2021. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/14320-Article-188402-1-10-20210420.pdf>>. Acesso em: 02 de jul. de 2022.

SILVA. Erivânia. **A AFETIVIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NA FORMAÇÃO DOCENTE: Compreensão da afetividade na prática Pedagógica, analisando as atitudes do docente diante do fenômeno das emoções, como é vivenciada em sala de aula e como a temática da afetividade é abordada nos cursos de formação de professores.** 2015. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/imprimir/15290>>. Acesso em: 25 de agosto de 2022.

SILVA. Nelma. **A importância da afetividade na relação professor-aluno: Uma pesquisa que discute a importância da afetividade na relação professor-aluno.** Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/imprimir/15151>>. Acesso em: 23 de agosto de 2022.

SILVA, ROSA. Simone, Adriana. **O IMPACTO DA COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES E O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO COMO FATOR DE PROMOÇÃO E PROTEÇÃO.** Nova Hamburgo. 2020.

SILVEIRA, VARGAS, SANTOS, HUPPES E HURTING. Andressa, Tainara, Lairany, Gabrielli e Luana. **CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA: ASSISTÊNCIA, CUIDADO E EDUCAÇÃO ESPECIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA.** Vista Alegre, Palmeira das Missões – RS. 2021. Disponível em: <<https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1230/1340>>. Acesso em: 27 de junho de 2022.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** Educ. Soc., Campinas, v. 23, n.81, p. 143-160, dez., 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação.** São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf>. Acesso em: 21 de junho de 2021.

VOLPATO, Débora. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem na educação infantil.** Goiânia. 2018. Disponível em: <<http://repositorio.anhanguera.edu.br:8080/jspui:8080/jsppuobitstream/123456789/115/1/TC%20-c3°89BORA%20MIRANDA%20COLPATO.pdf>>. Acesso em: 10.fev. de 2021.

VIEIRA, A. M. **As vozes no contexto infantil: a polarização em destaque.** Zero-a-seis, n. 18 ago. De 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/o6Nbgz>>. Acesso em: 04 de jul. de 2022.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 4ª edição, 1991.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1968.

YATES, A.; STARKEY, L.; EGERTON, B.; FLUEGGEN, F. **High school students' experience of online learning during Covid-19: the influence of technology and pedagogy.** Technology, Pedagogy and Education, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/346548662_High_school_students'_experience_of_online_learning_during_Covid-19_The_influence_of_technology_and_pedagogy_Technology_Pedagogy_and_Education>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. Disponível em: <https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf>. Acesso em: 22 de junho de 2021.

Enviado em: 03/10/2023.

Aceito em: 08/10/2023.